

DA
LAMA



AO
TBOE

Stefano Marchesini

DA LAMA AO CHOÇA

Stefano Marchesini




Editora
Newton Paiva

Presidente do Grupo Splice
Antônio Roberto Beldi

Texto
Stefano Marchesini

Reitora
Camila Ribeiro Romeiro

Fotografia
Stefano Marchesini

Pró-Reitora Acadêmica
Patrícia da Silva Klahr

Vinícius Veiga

Procuradora Institucional
Gláucia Corrêa

Produção
Iara Nassif

Vinícius Veiga

Secretária Geral
Ana Paula Matias

Revisão
Rafael Oliveira

Editores
Ariane Lopes
Christiane Rocha e Silva

Projeto Gráfico
Patrick Simon

Apoio técnico

Núcleo de Publicações Acadêmicas da Newton

ISBN 978-65-87392-14-1

M316

Marchesini, Stefano

**Da lama ao caos / Stefano Marchesini; prefácio de Rafael Oliveira –
Belo Horizonte: Editora Newton Paiva, 2021.**

68 p.

ISBN 978-65-87392-14-1 (e-book)

1. Desastres ambientais 2. Barragens e açudes 3. Problemas sociais I.
Marchesini, Stefano II. Título.

CDU 622(815.1):363

(Ficha catalográfica elaborada pelo Núcleo de Bibliotecas do Centro Universitário Newton)

Prefácio

Da lama ao caos e do caos ao acaso que não protege quem anda distraído. Deixados ao acaso pelas autoridades e traídos pela manipulação do destino, os moradores de Mariana não vivenciaram um acidente, uma vez que a definição desse termo no dicionário é “ocorrência ou acontecimento casual, fortuito, inesperado”. O que ali assistimos é a mão do homem e sua ganância na mais profunda intervenção, representada pela soma de natureza, fauna, flora e, como em um passe de mágica, a própria origem do ciclo: o homem – todos prejudicados em prol de um único elemento do outro lado da balança, que é o capital em sua versão perversa; o lucro insustentável.

Em seu livro-reportagem, Stefano Marchesini busca dar voz aos 17 mortos, 2 desaparecidos, 2.514 cidadãos desabrigados ou desempregados (por serem pescadores), e 58 mil populares impactados diretamente pela tragédia, além de mostrar que ao unirmos 11 toneladas de peixes mortos, 35 milhões de m³ de rejeitos de minério convertidos em lama pura, 82% de edificações destruídas em Bento Rodrigues e 1.5 mil hectares de vegetação dizimadas, não estamos falando de um detalhe simples, e sim do maior acidente ambiental da história do Brasil, embora essa frase incomode gente poderosa.

O rompimento da barragem de Fundão mostra como a omissão de políticos é indissociável do silêncio social e, nesse sentido, a proposta da obra “Da Lama ao Caos” não é confortável. Projetando-nos à realidade das minorias ali angustiadas e tornando tangível o sofrimento sumariamente ignorado, Stefano Marchesini retira da condição estática o indivíduo que toma contato com a leitura, uma vez que não se tratam de palavras convencionais, e sim a exata transcrição de um sentimento complexo, intenso e de impacto imensurável. Sair da zona de conforto a partir da dor do outro é incômodo, mas parte imprescindível daquele que deseja alcançar a condição de ser humano nobre (na essência do significado).

Em “Da Lama ao Caos” percebemos que não há plenitude se falta empatia, dignidade sem sensibilidade e bondade na ausência de espírito coletivo e solidário. Caso o livro-reportagem “Da Lama ao Caos” estivesse no dicionário, em sua definição constaria “leitura dedicada aos que querem evoluir”. A superação do comodismo não é desejo de todos, mas é valioso e necessário para quem pretende seguir a diante. “Da Lama ao Caos” é o convite para não mais apenas pensarmos, e sim para exaltarmos o foco no “sentir”.

Rafael Oliveira é jornalista pela PUC e historiador pela UFMG.



Sumário

A Tragédia

Pág 7

Parte um: Água

Pág 8

Parte dois: Lama

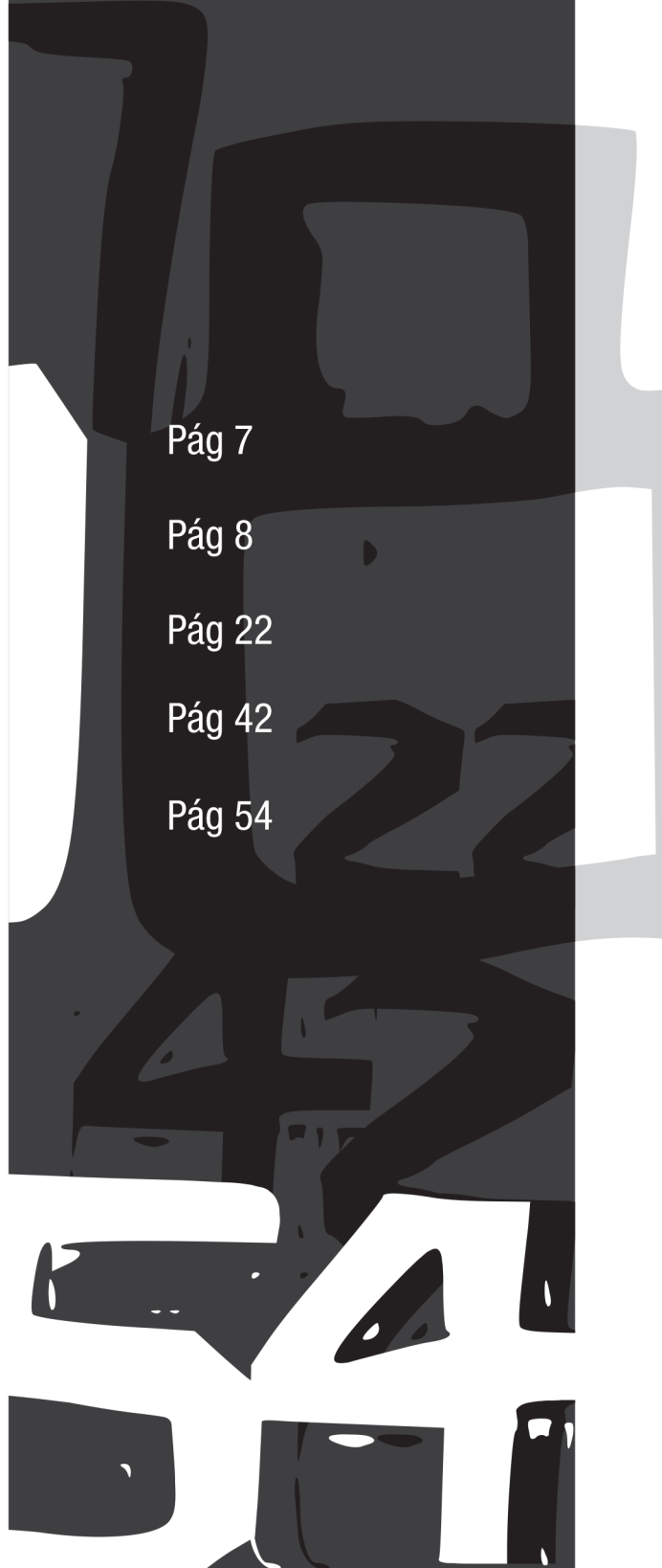
Pág 22

Parte três: Barro

Pág 42

Parte quatro: Pó

Pág 54





A Tragédia

Bento Rodrigues, subdistrito da cidade de Mariana (MG) é, hoje, um lugar de letras tristes; ainda que não tenha referências nos livros de História, nas páginas dos grandes escritores, ou representação nos artigos empresariais. O subdistrito, que estimava menos de mil pessoas em sua população, está há poucos quilômetros da primeira cidade e capital do estado de Minas Gerais e é lembrada pela tragédia que assolou, literalmente, uma população humilde, causando um estrago que transcende o material.

No dia 5 de novembro de 2015, o depósito de rejeitos de mineração da barragem de Fundão – responsabilidade da empresa Samarco, um dos braços da gigante multinacional VALE – se rompeu e o subdistrito se perdeu em um mar de lama e sedimentos difíceis de serem mensurados.

São nas palavras recentes que o acontecimento se torna notável: o rompimento da barragem é o maior desastre socioambiental da história do Brasil. Trinta e cinco milhões de m³ de rejeitos desceram sobre o distrito, deixando um rastro de lama e caos.

Dezenove é o número de mortes confirmadas oficialmente pelas autoridades.

Seres humanos foram mortos ou assassinados?

Incontáveis vítimas sofreram, ou melhor, sofrem com suas casas destruídas, com o desamparo das autoridades e da empresa responsável, além de uma brusca mudança na rotina de vida e nos métodos de sobrevivência de um segmento simples da população; gente incansavelmente trabalhadora.

Uma vítima específica segue agonizando a cada dia: o Rio Doce, uma das principais bacias dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Longe de ter um desfecho, a tragédia completou dois anos sem qualquer solução eficaz e, principalmente, sem uma resposta convincente – seja para a população afetada, como à própria sociedade.


Da lama ao caos, do caos a lama, como já cantava Chico Science & Nação Zumbi.

A

G

U

A



Não há vida sem água. Toda existência humana depende de água. Inúmeras vidas vegetais e animais dependem da água do Vale do Rio Doce, mesorregião da parte leste do estado de Minas Gerais. Uma dependência direta e pragmática. Da água pescamos, irrigamos a plantação e sustentamos o ribeirão.

Não há vale sem água. A água da bacia do Rio Doce percorre 853 quilômetros até atingir o oceano Atlântico, no povoado de Regência (estado do Espírito Santo), sendo uma das principais bacias hidrográficas do país.







Da água se lava a mão, se banha a criança e se lava a roupa a ser estendida no varal.

Da água do vale se lava o minério de ferro e outras tantas matérias-primas da mineração, que gera renda e emprego; mas também gera responsabilidade e resíduo. O resíduo é a morte na água. Água que precisa ser barrada; que precisa de barragem.

ASSEMBLY



Quando juntas, pessoas vítimas da tragédia cantavam em uníssono um coro que apontava diretamente para os culpados. Mais do que apenas o sentimento aflorado de revolta, se tratava de uma cobrança pela justiça daqueles que também não podiam falar. Falavam pela água.

DEUS



“ELES SABIAM QUE IA ROMPER!
VALE, SAMARCO E BHP!”



os qui benin...
NEWARK - NO

INHA Bento

Amiguinto

SCOLA

JUNOS

JULIO
R SAR

JUNIO
#

PAID

Na época da tragédia, os culpados não foram responsabilizados. Até mesmo o rio Doce e sua natureza ganhavam sua devida importância a partir disso, como se outrora fosse a parte de um soneto escrito pelo conterrâneo Cláudio Manoel da Costa.







Não há vida no Vale do Rio Doce. A barragem deveria segurar e proteger a vida da Vale, mas foi incapaz de cumprir seu único papel e tirou boa parte da vida de todo Vale do Rio Doce, seja a vida humana, vegetal e animal, levando o resíduo e as consequências da irresponsabilidade até o oceano através, ironicamente, da água do rio.

A barragem segura a água e o resíduo, que misturados e contidos em milhões de metros cúbicos, se tornam lama.







PONTO DE
ENCONTRO
↑





Bento Rodrigues era um lugar sossegado.

Na tarde de 05 de novembro de 2015, casas eram faxinadas, crianças brincavam na rua, outras estavam na aula, comércios funcionavam normalmente – provavelmente já pensando no fim do expediente, pescadores estavam na margem do Rio Doce e outras pessoas trabalhavam fora.

Bento Rodrigues era um lugar sossegado. No entanto, naquela mesma tarde uma moto inquieta acelerava pelas ruas estreitas e trazia, em uma garganta seca, a notícia que mudaria toda a realidade da região:

A barragem de Fundão havia se rompido!

O Bar da Sandra funcionava igualmente, como sempre havia sido nos últimos 15 anos, no final da rua principal e servia no momento uma galinhada e recebia dois funcionários da empresa responsável pela barragem. Eles conversam sobre o que fariam no final de semana. O rádio chiava e informava algo que chamava a atenção.

Funcionários mina da Alegria, rompimento da barragem dois.




ATENÇÃO

EM CASO DE ACIONAMENTO
DAS SIRENES DIRIJA-SE AO
PONTO DE ENCONTRO







SEGURANÇA

**AO OUVIR A
SIRENE EVACUE
A ÁREA**

A sirene não tocou.

Bento Rodrigues não era mais um lugar sossegado.


Naquele momento, enquanto a notícia se espalhava, o caos tomava conta do lugar. Em meio a tanto pânico, o verde cedia seu lugar ao laranja no horizonte. Litros e mais litros de lama desciam em corredeira. Toda população já procurava sua maneira de deixar o lugar, a partir de carros, ônibus, cavalos e até a pé. A debandada começava, mas não foi completa. Pessoas gritavam na rua.



“SAI SAI!
NÃO É POEIRA!
É LAMA!
SAI!”





The image shows the interior of a building that has suffered significant damage. The upper portion of the walls is painted a light, off-white color, but this paint has been completely removed in large sections, revealing a dark, textured material underneath, likely mud-brick or adobe. Two large, multi-paned windows with dark frames are visible on the upper level, looking out onto a bright sky. The lower level of the walls is also heavily damaged, with large areas of peeling material and exposed earth. A small, dark window opening is visible on the lower left, and a rectangular opening on the lower right is covered with a piece of white material. The overall atmosphere is one of neglect and decay.

Alguns moradores incrédulos do poder da lama, ficaram. Outros foram pegos de surpresa e não houve tempo para reação. E também tinham os que pensaram que estariam seguros dentro de suas casas, um engano natural se tratando de uma população humilde e com pouco acesso à educação – uma realidade comum nas pequenas cidades do Brasil.







19

vítimas

No final, um número aparentemente pequeno para o tamanho da tragédia, mas infinito no impacto aos bens materiais e emocionais das vítimas diretas e indiretas.



Bento Rodrigues não era mais um lugar sossegado.

O sol começava a cair e o estrago já era visível. Muitas das casas que outrora tinham famílias inteiras, não existiam mais.

O cenário era parecido com o de um filme de guerra, mas não se tratava de ficção. Era real. Uma trincheira de lama acobertando casas, muros e árvores. O rio havia se misturado com a lama. Era lama. E só.



Bento Rodrigues
não era mais
um lugar.





BRAND

PRO



Seria bom chegar ao momento pós-lama ou pós-tragédia com alguma solução. Existiu comoção pela dor, compaixão pela tristeza e revolta pelo crime.

Não existiu solução.





Seria bom chegar ao momento pós-lama ou pós-tragédia com alguma solução. Existiu comoção pela dor, compaixão pela tristeza e revolta pelo crime.

Não existiu solução.



A tragédia aconteceu de verdade. Vidas foram perdidas de verdade. Mas de concreto, só isso. De concreto, o concreto pintado de laranja pela lama. Fachadas outrora coloridas perderam seus espaços para o barro seco. Foi tudo o que sobrou: barro seco e rastro de história

E o barro engana. O barro parece sólido, mas afunda o pé que pisa. É a falsa promessa de um lugar firme, a estabilidade que não existe; a mesma estabilidade que também não existiu no pós-tragédia de Bento Rodrigues. A única existência sólida ali era a de caos.



E.M. BENTO



Da Lama
ao Caos.
Da Tragédia
ao Barro.

VENDE-
PICOLÉ.

SE SORVETE





Um crime até então sem culpados e que busca culpabilizar suas vítimas: foram acusados de serem os “responsáveis” pela paralisação das atividades da Samarco – que gerou a suspensão de diversos empregados.

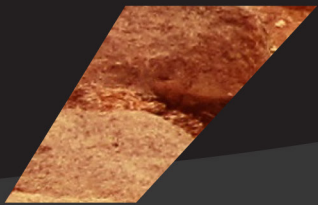
Um crime até então sem presos, mas que prende suas vítimas: dentro de casas com grades, sem rua pra sentar e prosear - sem rua para a criança brincar – sonhos presos pela omissão das empresas envolvidas, do Estado e mesmo do cidadão comum. Dizia Max Weber: “neutro é o que já se decidiu pelo mais forte”. Infelizmente a sociedade segue atônita e estática.



“ AS CRIANÇAS
ERAM
CHAMADAS
DE 'PÉ
VERMELHO'.
COMO SE
FOSSEM
CULPADAS.”











Não
tem
fim,
tem
pó.



201

Uma poeira vermelha, que brilha com o resíduo do minério de ferro presente em suas partículas. Nos dias de sol, o chão reflete a luz e o rastro de destruição. O pesar fica ainda mais evidente. Nas noites de lua cheia, a melancolia toma conta de tudo.



Se ali existia
futuro, agora
existe poeira.

Se ali existia
passado, agora
existe poeira.

POLLYANE

PÁSCOA



Em Bento Rodrigues só existe a vida daqueles que um dia sonham com a volta daquele lugar - uma utopia de loucos que se organizaram e resolveram que Bento Rodrigues pode não voltar a ser o lar de antes, mas que para sempre será um lugar deles.





“
NOSSO GRUPO DE LOUCOS.



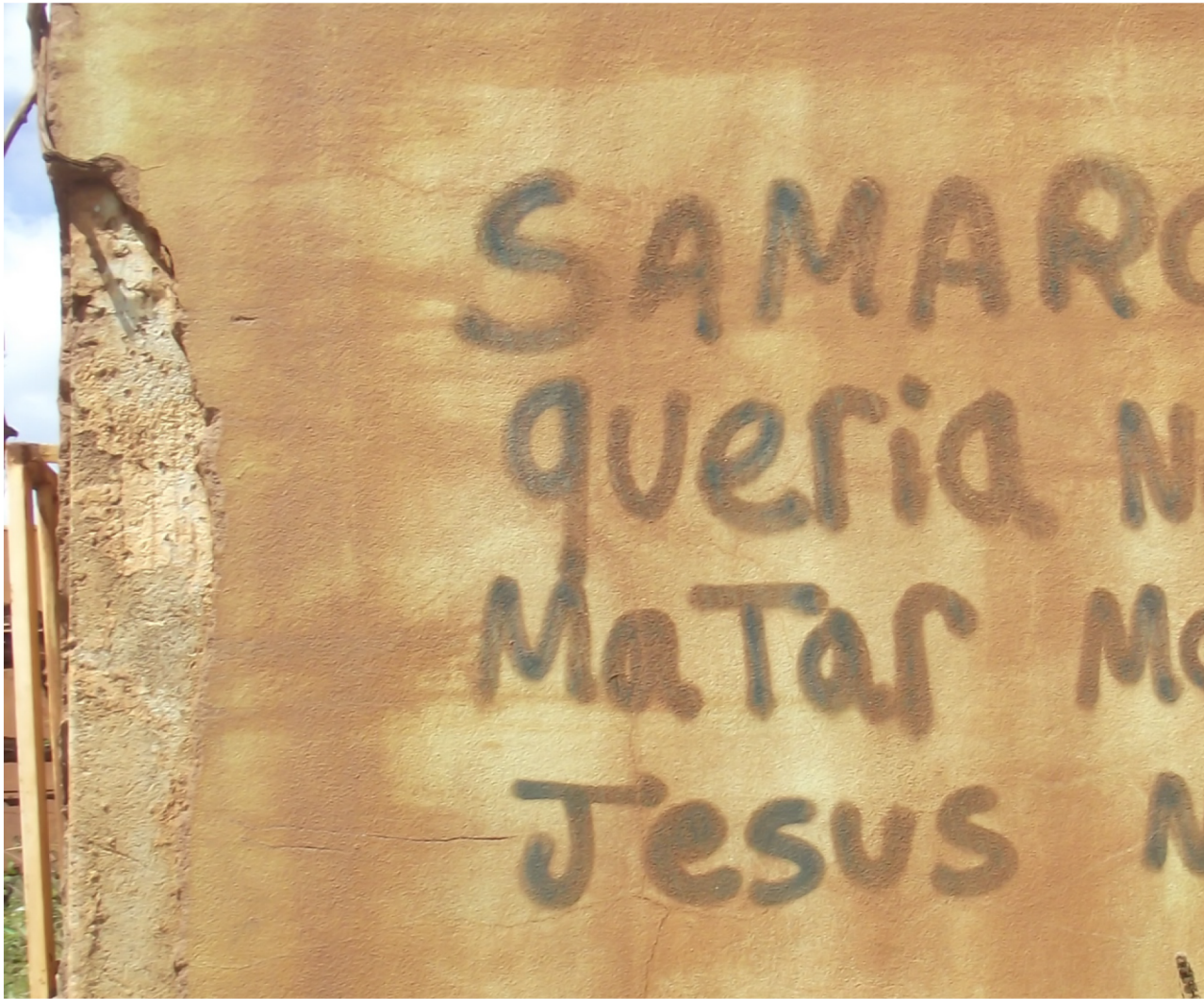


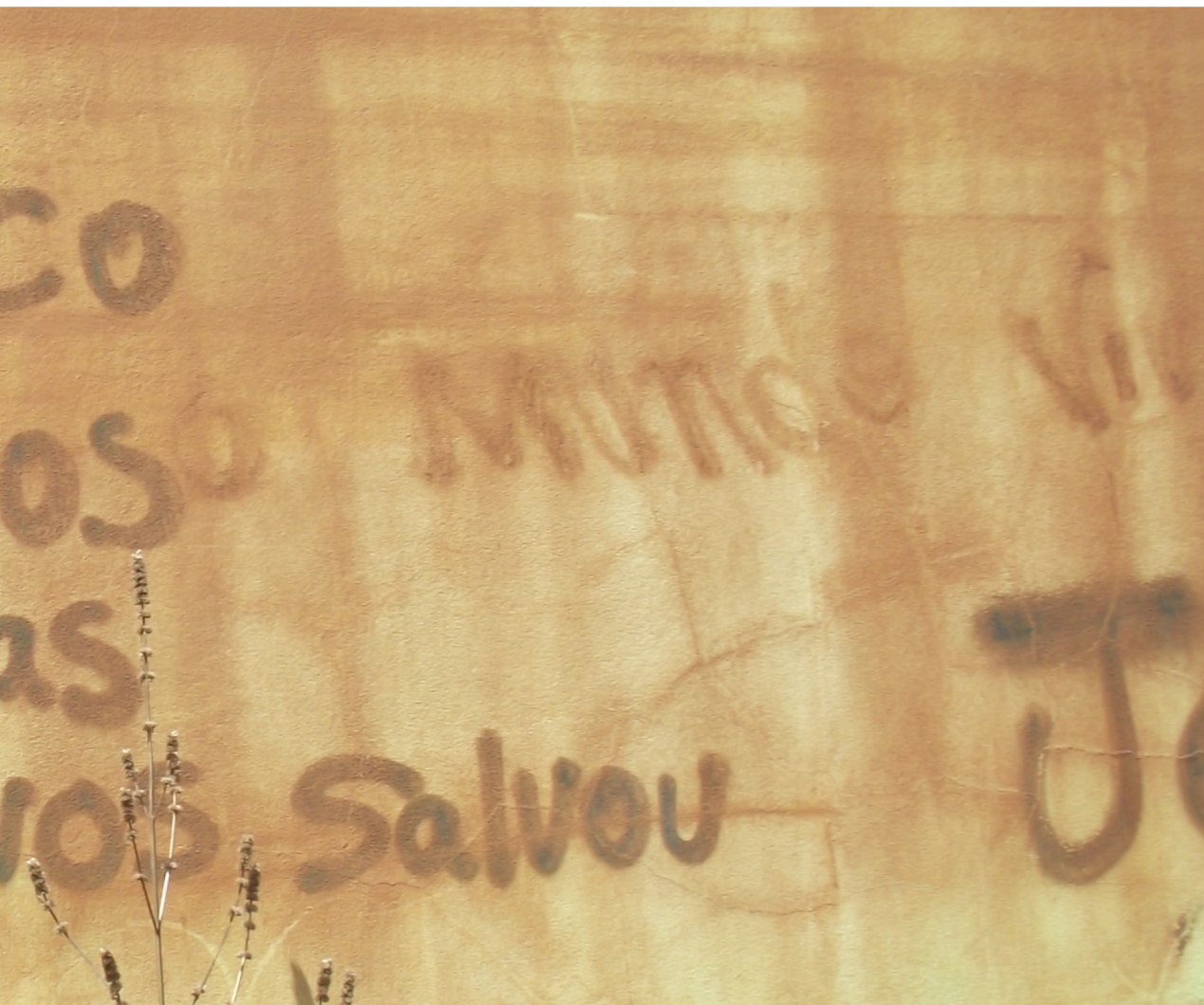
LOUCOS POR BENTO RODRIGUES.”





O que paira no ar, além de todo o pó, é a dúvida. Predomina a incerteza e a sensação de impunidade. Enquanto a maior tragédia socioambiental do Brasil seguir deixando as marcas através de águas turvas, lama e barro, não há sentido em não seguir falando e expondo a realidade.





A história precisa ser contada também pelos olhos daqueles que perderam.
E esses perderam muito.

Bento Rodrigues se perdeu.



DOPO

A photograph of a rocky, sandy terrain with sparse green grass and a piece of wood. The ground is composed of light-colored sand and small, dark rocks. Several clumps of thin, green grass are scattered across the surface. A single, long, thin piece of wood or bamboo lies diagonally in the upper right quadrant. The overall scene appears to be a natural, possibly coastal or dune, environment.

AO PÓ

Da ÁGUA límpida ao PÓ que se esvai, passando pela LAMA turva e pelo sujo BARRO. É dentro desta narrativa que se constrói o livro-reportagem DA LAMA AO CAOS, retratando através das fotografias e do texto o recorte da maior tragédia socioambiental do Brasil, utilizando dos recursos do jornalismo literário e dando continuidade ao projeto iniciado através do website homônimo – premiado no INTERCOM Sudeste 2018 como melhor trabalho na categoria “Website”. DA LAMA AO CAOS é a história daqueles que viveram a tragédia, resgatando memórias e questionando o presente e o futuro. Uma leitura necessária que busca ser mais um ouvido para as histórias que tendem a se perder e mais uma voz para as vítimas que seguem em busca de uma nova vida.



**Editora
Newton**

ISBN: 978-85-87392-14-1



9 786587 392141